

## **Validação do instrumento de avaliação sobre automedicação em estudantes da área da saúde de uma instituição de ensino superior privada**

**Autores: Felipe Aparecido Feloni Birer<sup>1</sup>, Monica Maruno<sup>2</sup>**

**Colaboradores: César Augusto Sangaletti Terçariol<sup>3</sup>, Ana Beatriz Lemes Pereira<sup>4</sup>**

**<sup>1,2,3,4</sup>Centro Universitário Barão de Mauá**

<sup>1</sup>*felipefelonibirer@gmail.com - Farmácia*, <sup>2</sup>*monica.maruno@baraodemaua.br*

### **Resumo**

A pesquisa sobre o perfil da automedicação entre estudantes da área da saúde necessita de um instrumento de coleta de dados robusto e apropriado para essa população. O objetivo deste trabalho foi validar o questionário utilizado na pesquisa por meio de um estudo piloto aplicado de forma aleatória em 29 estudantes da área da saúde. Os resultados foram utilizados para avaliar a consistência interna do instrumento. Embora o questionário demonstre adequação geral, ainda requer ajustes na correlação entre os sintomas que motivam a automedicação e os medicamentos utilizados.

### **Introdução**

Diferentes fatores econômicos, políticos e culturais contribuem para a expansão da automedicação no mundo. A automedicação é uma prática que consiste em usar medicamentos sem a orientação de um profissional de saúde, como médicos, enfermeiros ou farmacêuticos. Entre os diversos fatores contribuintes para a expansão da automedicação estão: a propaganda de medicamentos, que os divulga como soluções para diversos problemas de saúde, sem mencionar os riscos e efeitos colaterais que podem surgir; a facilidade de aquisição de medicamentos sem receita médica, onde os indivíduos os adquirem sem saber exatamente o que estão consumindo e nem os possíveis efeitos colaterais; a facilidade de acesso às buscas de informações sobre medicamentos e tratamentos na internet, com muitas informações que não são confiáveis; a falta de informação e orientações precisas sobre os medicamentos que consomem, o que pode levar a erros na posologia, interações medicamentosas perigosas e outros riscos à saúde. A forma mais comum de automedicação consiste em reutilizar prescrições médicas antigas, em que os medicamentos não foram utilizados para o uso contínuo. O balcão da farmácia é o local mais procurado por alguns pacientes quando

apresentam determinados sintomas, principalmente quando os medicamentos são obtidos sem necessidade de receita médica, como analgésicos, antitérmicos, etc. A forma mais comum de automedicação ainda é a farmácia caseira (CONRAD et al., 2023; PEREIRA et al., 2009).

A automedicação pode levar a quadros graves de intoxicação. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), os hospitais gastam de 15% a 20% de seu orçamento para tratar casos de intoxicação que prejudicam diagnósticos e tratamentos, pois promovem interações medicamentosas entre o medicamento prescrito e o utilizado de forma inapropriada, reações alérgicas, entre outros agravos (MATOS; PENA; PARREIRA; SANTOS; COURA-VITAL, 2018). A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 50% dos medicamentos são prescritos ou utilizados de forma inadequada, o que pode mascarar diagnósticos e resultar em agravamento dos quadros clínicos (HERNANDEZ; ALMEIDA NETO, 2022).

Segundo o Sistema Nacional de Informação Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em 2017, o Brasil teve 20.637 casos de intoxicações por medicamentos (27% do total de intoxicações), 50 óbitos e uma letalidade de 0,24%. Em pesquisa realizada em 2007, quando foram computados 34.068 casos desse tipo, ou seja, houve um crescimento de quase 50% dos casos de intoxicações por medicamento em dez anos.

É verdade que a automedicação pode ajudar a reduzir a carga sobre o sistema público de saúde, especialmente em casos menos graves. No entanto, ela não deve ser vista como uma alternativa ao atendimento médico adequado. Em casos de doenças crônicas ou condições graves, a automedicação pode ser perigosa e agravar a condição. O uso racional de medicamentos foi instituído com a Política Nacional de Medicamentos (PNM), publicada pela Portaria nº 3.916 de outubro de 1998, que visa não só à questão da aquisição e distribuição de medicamentos, mas também à orientação e a todos os fatores relacionados (GERLACK, 2016).

É importante, portanto, seguir as instruções de dosagem e não exceder a dose recomendada. Assim, é fundamental evitar a automedicação prolongada, mesmo com medicamentos de venda livre, sem uma orientação médica adequada.

## Objetivos

### Objetivo Geral

Validar o instrumento de coleta de dados para avaliar o perfil da automedicação em estudantes da área da saúde de uma instituição de ensino superior privada.

### Objetivos Específicos

- Realizar os ajustes nas perguntas do instrumento de coleta de dados com vistas ao objetivo da pesquisa.
- Traçar o perfil parcial da automedicação em estudantes da área de saúde no estudo piloto.

## Casuística e Métodos

A pesquisa é um estudo do tipo observacional descritivo de corte transversal, realizado a partir da aplicação de um formulário aos estudantes de uma Instituição de Ensino Superior, visando traçar um perfil dessa população mais restrita e com poucas alterações em certo intervalo de tempo.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, a primeira etapa foi validar o instrumento de coleta de dados. O processo de validação do questionário seguiu as seguintes etapas: definição dos objetivos, revisão da literatura e desenvolvimento das questões do instrumento

O estudo foi realizado mediante instrumento de coleta de dados do tipo questionário preenchido por estudantes de uma Instituição de Ensino Superior situada no município de Ribeirão Preto, em São Paulo no período de janeiro a março de 2023.

O critério de inclusão para participação na pesquisa foi estar matriculado nos cursos de Biomedicina, Enfermagem, Estética e Cosmética, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição e Psicologia. Foram excluídas as pessoas que não concordaram com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) proposto ou não quiseram ou não puderam participar da pesquisa. A pesquisa foi desenvolvida com 29 voluntários para a validação com a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) parecer número 6.583.651.

Os voluntários da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que garante o caráter confidencial e anônimo da pesquisa. Os voluntários da Instituição privada foram convidados a participar do estudo após breve explanação dialógica referente aos objetivos da pesquisa.

A etapa de validação do instrumento de coleta de dados é importante, pois confere maior confiabilidade ao instrumento, garantindo resultados consistentes. Além disso, a validação assegura a adequação do questionário, contribuindo para a redução de vieses e minimizando erros na coleta e interpretação dos dados.

O processo de validação consistiu em:

- Primeira etapa da validação: traçar os objetivos específicos da pesquisa
- Segunda etapa da validação: realizar a revisão da literatura para fazer as adaptações no instrumento de coleta de dados com questões mais claras, concisas, abordando todos os aspectos relevantes do tema.
- Terceira etapa da validação: aplicar o instrumento de coleta de dados em uma amostra aleatória formada por professores e estudantes de diferentes áreas (pré-teste) e, posteriormente em uma amostra maior da população-alvo para avaliar sua viabilidade e aceitabilidade.

O presente estudo refere-se ao resultado do estudo piloto, que consiste, na aplicação do instrumento de coleta de dados readequado com as seguintes questões:

- 1) Qual a sua data de nascimento?
- 2) Você se identifica com qual gênero?
- 3) Qual a sua cor de pele?
- 4) Você estuda em qual curso de graduação?
- 5) Qual período (semestre) você está cursando?
- 6) Como você define automedicação com base em seus conhecimentos?
- 7) Você se automedica?
- 8) Com que frequência você se automedica? (Assinale a frequência mais próxima da sua realidade)
- 9) Quando você se automedica, você olha o prazo de validade?
- 10) Quando você se automedica, busca informações sobre o medicamento (como dose indicada, quantas vezes por dia deve tomar, efeitos colaterais e etc)?
- 11) Você busca informações com quem ou como? (pode escolher mais de uma opção)
- 12) Quais os motivos levam você a se automedicação, isto é, sem procurar ajuda de um profissional de saúde? (Pode escolher mais de uma opção)
- 13) Quais os medicamentos você costuma usar por conta própria?

- 14) Quais sintomas te levam a fazer uso de medicamentos por conta própria?
- 15) Você já teve efeitos colaterais de uma automedicação que fez?
- 16) Se respondeu sim, pode nos relatar o caso?
- 17) Você já sugeriu o uso de algum medicamento que conhece para amigos, familiares e/ou conhecidos que queiram de alguma dor ou indisposição?
- 18) Você acha que a automedicação pode ter consequências ruins?
- 19) Você acha que a automedicação pode resolver problemas de saúde mais simples?
- 20) Qual o profissional de saúde tem condições de orientar a prática mais segura da automedicação?
- 21) Por que você indicou este(s) profissional(is) de saúde?

A coleta de dados foi feita por meio das técnicas de questionário com as 21 perguntas objetivas e subjetivas do instrumento. A análise dos dados foi realizada com a descrição dos eventos da frequência relativa e/ou absoluta dos parâmetros analisados. Os resultados foram apresentados adotando-se variáveis categóricas, frequências absolutas e relativas.

## Resultados e Discussão

O processo de validação do questionário iniciou com a definição dos objetivos, seguida da revisão da literatura e o desenvolvimento das questões do instrumento.

Na primeira etapa da validação, os objetivos específicos traçados foram: descrever as características dos estudantes; avaliar o conhecimento dos estudantes universitários sobre a automedicação; investigar os fatores que influenciam a decisão dos estudantes universitários de praticar a automedicação; identificar as fontes de informação mais comuns utilizadas pelos estudantes universitários para obter medicamentos sem prescrição; identificar os tipos mais comuns de medicamentos utilizados pelos estudantes universitários sem prescrição; identificar o conhecimento sobre o papel de profissionais de saúde na automedicação. A partir dos objetivos específicos e uma revisão da literatura, o instrumento de coleta de dados foi construído com questões que devem ser claras, concisas e abordar todos os aspectos relevantes do tema. Após esta revisão, o instrumento de coleta de dados foi aplicado em um pequeno grupo de professores e estudantes escolhidos aleatoriamente, fase de pré-teste.

Nesta fase de pré-teste, a análise apontou que os voluntários confundiram a sequência alternada das questões conforme a resposta dada. Por exemplo, a questão “Você se automedica?”. “Sim (vá para

questão 7)”. “Não (vá para questão 16)”. Neste caso, a modificação foi realizada para dar mais clareza a sequência do questionário, além de flexibilizar a resposta do voluntário. A questão foi alterada para: “Você se automedica?”. “Se SIM, continue respondendo a partir da questão 8)”. “Se NÃO, continue respondendo a partir da questão 17)”. “Não me sinto confortável para responder (vá para questão 17)”. Outras questões com essa mesma construção foram alteradas. Uma percepção dos avaliadores foi a necessidade de incluir uma pergunta sobre o conceito de automedicação para compreender a influência do conhecimento do respondente nas respostas do formulário.

A partir desse pré-teste, o questionário foi proposto com 21 questões e aplicados na etapa piloto. O formulário foi aplicado aleatoriamente em estudantes de diferentes cursos da área da saúde, o estudo piloto.

Os dados coletados durante a aplicação do estudo piloto serviram para avaliar a consistência interna do questionário e identificar possíveis problemas de confiabilidade e validade.

Os resultados a seguir referem-se ao estudo piloto em uma amostra maior da população-alvo para avaliar sua viabilidade e aceitabilidade.

Participaram do estudo piloto estudantes com média de idade de  $22,03 \pm 3,69$  anos, 82,76% do gênero feminino e 17,24% do gênero masculino. Em relação à cor da pele, 96,55% declarou ser branco e 3,45% amarelo. Participaram do estudo de validação, 10 estudantes de Biomedicina, 1 de enfermagem, 6 de Farmácia, 2 de Fisioterapia, 3 de Medicina, 1 de Nutrição e 6 de Psicologia. Em relação ao período que estão matriculados, os voluntários estão distribuídos em todos os períodos, sendo 6 no 1º período (20,69%), 8 no 3º período (27,59%), 3 no 5º período (10,34%), 6 no 7º período (20,69%) e 6 no 9º período (20,69%).

A maioria dos participantes (55,17% correspondendo a 16 indivíduos), definiu automedicação como o ato de ingerir medicamentos sem o acompanhamento ou aconselhamento de um profissional de saúde qualificado. Enquanto 11 voluntários (37,93%) caracterizaram automedicação como o consumo de medicamentos por conta própria visando alívio de sintomas, apenas 2 voluntários (6,90%) descreveram-na como a prática de ingerir medicamentos sem prescrição médica.

Dos 29 voluntários, 24 (82,76%) responderam que se automedica e 5 (17,24%), não se automedica.

Na tabela 1 está apresentada a frequência de automedicação dos respondentes que se automedica.

Os resultados demonstram que os voluntários se medicam com pouca frequência, porém também há uma prática de automedicação sem a

prescrição médica ou orientação de um profissional da saúde. A automedicação sem orientação pode provocar malefícios para a saúde, como os efeitos colaterais, sendo a frequência dela uma importante causa para o surgimento de efeitos adversos graves.

**Tabela 1: Periodicidade da automedicação pelos respondentes**

Frequência da automedicação	Número de respondentes	Frequência (%)
Muito raramente	15	51,72
1 vez por mês	4	13,79
1 vez por semana	3	10,34
Quase todos os dias	2	6,90
Não me sinto confortável para responder	0	0
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>82,75</b>

Fonte: Autoria Própria.

Dos 24 respondentes que se automedicam, 19 (65,52%) verificam o prazo de validade; 23 (79,31%) procuram informações sobre o medicamento e apenas 7 (24,14%) buscam informações com o farmacêutico. A busca por informações sobre medicamentos na internet é o local mais acessado pelos voluntários (68,97%). Na Tabela 2 são descritos os motivos da automedicação.

**Tabela 2: Motivação para automedicação dos voluntários**

Motivos para automedicação	Número de respondentes	Frequência (%)
Difícil acesso aos serviços de saúde	4	13,79
Falta de tempo para procurar os serviços de saúde	9	31,03
Propaganda e mídias sociais	0	0
Não vejo necessidade de consultar um profissional da saúde	1	3,44
Já utilizei o medicamento para o mesmo sintoma	14	48,27
Não gosto de hospitais	1	3,44
Gosto de tomar medicamentos	0	0
Outros - especifique	0	0
Não me sinto confortável para responder	0	0
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>100</b>

Fonte: Autoria Própria.

Observa-se que a pessoa já utilizou o medicamento para aquele sintoma e, por isso, não

procura a ajuda de um profissional capacitado para orientação. Dessa maneira, a automedicação ocorre conforme o sintoma aparece, podendo, desta forma, tornar o sintoma crônico para determinada doença. Outro motivo para a automedicação é a falta de tempo devido à rotina atribulada de afazeres dos estudantes desta instituição privada.

Os principais medicamentos utilizados para a automedicação são apresentados na Tabela 3.

**Tabela 3: Classe de medicamentos utilizados na automedicação pelos voluntários**

Classe de medicamentos	Número de respondentes
Analgésicos	21
Antialérgicos	16
Anti-inflamatórios	14
Relaxantes musculares	14
Antiácido	13
Descongestionantes nasais	11
Antigripais	10
Corticoides	8
Suplementos	8
Antibióticos	5
Fitoterápicos	5
Antiparasitários/antiretroviral	4
Laxantes ou purgantes	4
Antidepressivos e ansiolíticos	2
Antidiarreicos	2
Contraceptivos	1
Gotas otológicas	1
Infecções reumáticas	0

Fonte: Autoria Própria

Pode-se observar que os medicamentos com maior procura para automedicação para este público-alvo são: analgésicos, antialérgicos, anti-inflamatórios, relaxantes musculares, antiácido, descongestionantes nasais e antigripais. Esses resultados estão em consonância com vários estudos sobre automedicação (AZEREDO et al., 2016). Segundo Azeredo et al. (2016), os estudos não têm clareza sobre a diferença entre analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos. Neste ponto, há necessidade de pesquisar melhor a interpretação entre essas diferentes classes terapêuticas. Outra observação é a inserção da classe antitérmico na lista.

Os voluntários que se automedicam relataram usar medicamentos para dor (75,86%), processos inflamatórios (20,69%), sinusite e sintomas gripais

(75,86%), desconforto gástrico e intestinal (44,83%), febre (34,48%), sintomas alérgicos (51,72%) e afecções cutâneas (13,79%). Ao fazer a correlação entre os sintomas e os medicamentos, pode-se observar que há sintomas que não foram cobertos pelos medicamentos citados (febre, por exemplo) e o sintoma "dores reumáticas" não aparece como causa da automedicação devido à faixa etária pesquisada. Portanto, o questionário final deverá ainda ter mais uma revisão na lista de medicamentos e sintomas para que haja uma correlação e maior consistência nas respostas.

A maioria dos voluntários que praticam a automedicação relataram que não tiveram efeitos colaterais (62,7%). Os voluntários que apresentaram efeitos colaterais (10,34%) por causa da automedicação descreveram sintomas de pressão baixa e sudorese.

A maioria dos voluntários (79,31%) acredita que a automedicação pode resolver problemas mais simples e, conseqüentemente, tornam-se fonte de automedicação (82,76%), indicando medicamentos para outras pessoas, mesmo tendo consciência de que essa prática pode acarretar efeitos adversos (100%).

A Tabela 4 apresenta a frequência com que os profissionais de saúde podem interferir na automedicação.

**Tabela 4: Profissionais que podem orientar a prática da automedicação com segurança, segundo os respondentes**

Profissional de saúde	Número de respondentes	Frequência (%)
Médico(a)	24	82,76
Dentista	7	24,14
Enfermeiro(a)	7	24,14
Farmacêutico(a)	21	72,41

Fonte: Autoria Própria.

Pode-se observar que a maioria dos estudantes relata que o profissional médico pode orientar a prática da automedicação com mais segurança, porém é o farmacêutico que acaba sendo o principal canal para o contato com o paciente que usa o medicamento. Segundo Ferreira & Terra Júnior (2018), o papel do farmacêutico é essencial como medida para evitar a utilização irracional dos medicamentos.

Com esses resultados preliminares, esta pesquisa terá a oportunidade de vincular o farmacêutico como o profissional responsável pela prática da automedicação com maior segurança para os pacientes.

## Conclusão

A automedicação baseia-se em utilizar o medicamento para o mesmo sintoma que já ocorreu anteriormente e a falta de tempo é apontada como causa dessa prática, de acordo com os resultados do estudo piloto do instrumento de coleta de dados. Na validação do questionário, ocorreu uma inconsistência interna relacionada aos medicamentos e aos sintomas que levam à automedicação. Conforme esperado, os medicamentos mais utilizados na automedicação foram os analgésicos e anti-inflamatórios, sendo os antialérgicos uma classe importante também. No entanto, ainda é necessário revisar a lista de medicamentos no questionário. Pode-se concluir que o instrumento de coleta de dados está adequado, necessitando apenas de ajustes pontuais.

## Referências

- ARRAIS, P.S.D.; FERNANDES, M.E.P; PIZZOL, T.S.; RAMOS, L.R.; MENGUE, S.S.; LUIZA, V.L.; TAVARES, N.U.L.; FARIAS, M.R.; OLIVEIRA, M.A.; BERTOLDI, A.D. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Revista de Saúde Pública*, [S.L.], v. 50, n. 2, p. 1-11, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1518-8787.2016050006117>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/PNCVwkVMbZYwHvKN9b4ZxRh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- AZEREDO SOTERIO, K.; ARAÚJO DOS SANTOS, M. A AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO NA ORIENTAÇÃO DO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS DE VENDA LIVRE: uma revisão. *Revista da Graduação*, [S. l.], v. 9, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/25673>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- CONRAD, G. S.; LENCINA, C. L.; DA SILVA, J. F. M.; CORRÊA, P. M. Percepção de atendentes de farmácias sobre os riscos da automedicação. *Revista Contexto & Saúde*, [S. l.], v. 23, n. 47, p. e13431, 2023. DOI: 10.21527/2176-7114.2023.47.13431. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/13431>. Acesso em: 7 maio. 2024.
- FERREIRA, R. L.; TERRA JÚNIOR, A. T. ESTUDO SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO, O USO IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS E O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA SUA PREVENÇÃO: Imagem: Vida e Saúde. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, [S. l.], v. 9, n. edesp, p. 570–576, 2018. DOI:

10.31072/rcf.v9iedesp.617. Disponível em: <https://revista.unifaema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/rcf.v9iedesp.617>. Acesso em: 24 mar. 2024.

GALATI, A.L.S, TERÇARIOL, C.A.S.; MARUNO, M. **Perfil do uso de medicamentos pelos trabalhadores do Centro Universitário Barão de Mauá**. V.8. Ano: 2023. Anais do Centro Universitário Barão de Mauá. Disponível em <https://api3.baraodemaua.br/media/27336/ana-laura-sartore-galati.pdf>. Acesso em 24 mar. 2024

GERLACK, L.F. **ACESSO E USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**. 2016. 214 f. Tese (Doutorado) - Curso de Farmácia, Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília, Ceilândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23174>. Acesso em: 27 abr. 2023.

HERNANDEZ, Keimys Leyva; ALMEIDA NETO, Walfrido Salmito de. Avaliação da automedicação na população da UBS Francisco Maiarino Maia, município Miguel Alves. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/13741/1/MM1%20T02%20TCC%201.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MARTINS, A.A. **O processo de cuidado farmacêutico em um hospital pediátrico de Brasília e sua contribuição para o uso racional de medicamentos**. 2017. 62 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Farmácia, Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31186>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MATOS, J.F.; PENA, D.A.C.; PARREIRA, M.P.; SANTOS, T.C.; COURA-VITAL, W. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 76-83, mar. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201800010351>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/65DK5G5dCrhCsWJZgWXBsmF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2023.

PEREIRA, J.R.; SOARES, L.; HOEPFNER, L.; KRUGER, K.E.; GUTTERVIL, M.L.; TONINI, K.C.; DEVEGILI, D.A.; ROCHA, E.R.; VERDI, F.; DALFOVO, D.; OLSEN, K.; MENDES, T.; DERETTI, R.; SOARES, V.; LOBERMEYER, C.; MOREIRA, J.; FERREIRA, J.; FRANCISCO, A. **Riscos da automedicação**: Tratando o problema com conhecimento. Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE Pró-Reitoria de Extensão e

Assuntos Comunitários - PROEX Área de Extensão Universitária, 2009. Disponível em [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/premio\\_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januarua\\_ramos\\_trabalho\\_completo.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januarua_ramos_trabalho_completo.pdf). Acesso em 07 mai. 2024.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TOXICO-FARMACOLÓGICAS. **Dados de intoxicação**. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. 2017. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-de-agentes-toxicos>. Acesso em: 24 mar. 2023.

SOUSA, J.T.M. **Percepção do farmacêutico sobre a dispensação na Atenção Primária à Saúde**. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Farmácia, Assistência e Avaliação em Saúde, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6364#preview-link0>. Acesso em: 25 fev. 2023.